

James Joyce: *O making of* de um texto.

Miriam A. Nogueira Lima.¹

Ao escrever meu trabalho para o Simpósio Joyce-Lacan, realizado em Dublin em 2005, muita coisa sobrou dos apanhados, pesquisas, leituras que empreendi e não foram incluídos naquele texto.² São coisas preciosas recolhidas e tenho aproveitado outras ocasiões para falar e escrever sobre elas. Esta é mais uma ocasião que se apresenta para isto que venho chamando o *making of* de um texto, inspirada na expressão utilizada por Frank Budgen como título de sua experiência de ter acompanhado a escrita do *Ulisses* por Joyce, durante vários anos. Apenas que desta vez outras leituras se acrescentaram com o lançamento do livro *Joyce-Lacan O Sinthoma*, que coleta grande parte dos trabalhos apresentados naquele Simpósio.

Por outro lado, me ocorre lembrar a opinião/crítica bem humorada do escritor gaúcho Luiz Fernando Veríssimo, escrita para o Jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, algum tempo atrás, de que certas obras literárias são como velhos navios: “críticas e exegeses grudam no seu casco como uma crosta; o navio e a crosta passam a ser uma coisa só e com o tempo a crosta quase dispensa o navio”. Com respeito a esse fato, no que tange a James Joyce, ele utilizou a expressão “craca literária” levando em conta o sobrenome da mulher de Joyce, Nora Barnacle, como significando craca em inglês. Ela que não se afastaria dele jamais, conforme fora alertado pelo próprio pai de Joyce ao dizer, certa vez, que o nome de sua nora era uma premonição. “Não há dúvidas que Nora era para ele uma mulher eleita, única”, afirma Colette Soler citando Lacan que teria dito: “para ele só existe uma”³ Por sua vez, Joyce “estava destinado a ter um séqüito de devotos”⁴, e de devotas também, penso eu, por uma série de razões. Abordei alguns aspectos no meu texto, referido acima. Neste aqui, refiro-me a alguns outros dessa figura que se apresenta tão enigmática quanto os enigmas que deixou para serem decifrados, em sua vida e obra. Não vamos, portanto, abandonar o navio, como não se fez, aliás, nesse retorno empreendido pelo Simpósio de Dublin. Retornamos inclusive à sua própria casa, às origens joyceanas, elas mesmas.

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil – IPB Rio de Janeiro. E-mail: miriamlima@openlink.com.br

² James Joyce: exílio, carência, estética e mística. In: *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Jacques Laberge (org.) Recife. CEPE, 2007.

³ “A Nora de Joyce”. In: *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Op.cit, p. 136.

⁴ Como disse Luís Fernando Veríssimo na crônica citada.

James Joyce: *O making of* de um texto.

Alguém que costumava dançar sozinho, tarde da noite, uma dança “desarticulada”, por exemplo? Alguém que em conversas com um amigo sobre qual seria o personagem mais completo de toda a literatura opinou que Fausto não o era, porque nada se sabia de seu lar, sua família, se era velho ou jovem, e que nunca estava sozinho, Mefistófeles estava sempre ao seu lado? Quanto a Hamlet, seria apenas um filho! Mas Ulisses não! Este é filho, pai, marido, amante, companheiro de guerra, e rei. E Joyce, inspirado no Ulisses de Homero, criou o seu próprio Ulisses: Leopold Bloom. Só que este foi concebido como um homem comum.

Do lado da mulher, a concepção joyceana, certamente inspirada em sua própria mulher, se expressa na famosa frase citada e recitada por biógrafos e comentadores: “sã cheia amoral fertilizável duvidosa atraente limitada prudente indiferente”. É possível conceber que os principais personagens de Joyce se fundem: Molly, Stephen e Bloom. Ela representando uma parte, com sua vida sexual desnuda, e Stephen representando a razão, como analisou Hermann Broch.

Se alguns comentadores sublinham em Joyce a sua escrita, outros ressaltam a sua música, outros ainda elegem a sua poética.⁵ Joyce gostava de música e de dança e queria seus poemas musicados e cantados, valorizando sempre a voz em sua escrita. Como sublinhou Jacques Aubert, em Joyce mais do que a literatura é a língua que está em questão. Desde a psicanálise, nos traímos quando falamos, ele lembra, e Joyce dá provas de saber disso como ninguém. Lacan, por sua vez no seminário *Le Sinthome* reduziu o significante “a um equívoco, uma torção na voz.” Aqui a primazia é da Voz. É ela que, “operando em sua queda, antecede e define o significante” (...) “a voz que não é única, senão múltipla, marca a primazia do real da letra” (...) “desenha um gozo que R. Harari vai chamar de ‘gozo fonante, gozo da alíngua’, distinto do gozo metafórico porque não depende da linguagem” como bem articula Garcia, no seu texto *Dizeres e silêncios do corpo*.⁶

Voltemos aos traços joyceanos e mais uma faceta sublinhada com frequência, pelos biógrafos: sua capacidade de conciliar o particular com o universal o que resulta numa mestria da transmissão, como frisa ainda Jacques Aubert ao descrever a metodologia joyceana para escrever utilizando-se de restos – restos de conversas,

⁵ Ver a propósito os textos de Isidoro Vegh, “Joycescrito – Por que Lacan recorreu a Joyce?”; Jacques Laberge, “CMJOYCEREIASFW – Joycescricantor”; Rolando Karothy “A escrita de Joyce” e Bernard Brémond. “Gozo da língua e assassinato da coisa”, In: *Joyce-Lacan O Sinthoma*, op.cit.

⁶ Cf. Ivani Barp Garcia. “Dizeres e Silêncios do Corpo”. In: *Escrita e Psicanálise*. Op.cit. p.169.

James Joyce: *O making of* de um texto.

lembranças, incidentes, restos de tudo. Aliás, traços dessa metodologia se relacionam com suas famosas “Epifanias”, que tem sido objeto de estudo de numerosos autores.

A minha experiência de entrar na “viagem” da “escritamusical” ou “musicaescritural” que foi sua vida-obra, me diz que é uma viagem sem volta. Não há como retroceder nesse gosto, verdadeiro gozo da palavra. Não foi sem razão que James se inspirou no poeta Homero, cujo nome se diz que pela etimologia é “aquele que tece, agencia, adapta e junta palavras”. Assim, deste modo concebido, todo poeta é Homero. Tampouco não sem razão, desde Freud, psicanálise e literatura se mesclam. Costa e Rinaldi ⁷ assinalam a constatação freudiana da relação existente entre escrita e inscrição psíquica desde os escritos iniciais: “o inconsciente a partir do suporte de uma inscrição”. “No campo da psicanálise escrita e inconsciente vão aparecer sempre associados”. Cabe ressaltar que Lacan retoma essa prescrição freudiana inicial ao tratar “a questão letra e inconsciente”, ao distinguir letra e significante e ao estabelecer a “aproximação entre letra e gozo”. De fato, diz Lacan: “A escrita, a letra é no real, e o significante, no simbólico. Assim isso se poderá tornar refrão pra vocês” ⁸

Se o leitor ficar preso numa espécie de gozo da leitura, tomara que seja na mesma proporção com que Joyce ficava preso no gozo com a escrita. Relata-se o quanto ele ria ao escrever *Finnegans Wake*. Sobre esse gozo, Lacan veio trabalhar e explorar em sua análise do escritor irlandês. O seu encontro com Joyce, reconhecidamente trouxe e continua trazendo muito trabalho para analistas e não analistas e modificou, fundamentalmente, a apreciação da literatura por um lado, tanto quanto a escrita da psicanálise por outro. É certo que o seminário *Le Sinthome* foi decisivo na modificação da postura de Lacan. Depois disso, outra psicanálise lacaniana adveio, com a escrita do *sinthoma* (com h) como suplência à carência constitutiva do sujeito na linguagem, que nenhuma função paterna poderia de fato suprir, e enriqueceu de forma indiscutível esse capítulo da teoria do último Lacan, a partir dos anos 75-76. Retomo o texto de Costa e Rinaldi ⁹ quando ressaltam que Lacan ao lidar no Seminário 23 com dois elementos – a obra de Joyce e o nó borromeano - considera que o escritor irlandês “foi além da literatura, numa tentativa de dissolver a própria linguagem” (...) “sua produção literária é o enigma levado à potência de uma escritura, na medida em que reescreve a própria

⁷ *Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2007, p.10-11

⁸ De um discurso que não seria do semblante. Publicação interna do CEF-Recife, p.118

⁹ *Escrita e Psicanálise*, op. cit., p. 12.

James Joyce: *O making of* de um texto.

língua”, cabendo ressaltar a proposta lacaniana de então, que a escritura não vem do significante (simbólico), mas do Real.

Joyce o sedutor capaz de encantar e tornar devota uma mulher, como encantou as mulheres de sua época, é um ponto que desperta interesse. Quem é capaz de vestir-se de terno de sarja azul escuro, chapéu de feltro negro, bengala e tênis juvenis, afora os indefectíveis óculos de lentes redondas, transparentes, apoiados no nariz fino bem torneado, lentes que não escondiam, entretanto, seu frágil olhar azul – bem, não é qualquer um! Silvia Beach que o dissesse e tornou-se sua editora. Também Harriet Shaw Weaver que veio a ser sua benfeitora. A própria mulher, Nora, não o deixaria nunca. E a sua mãe, May Joyce, quis o filho perto de si em seu leito de morte, embora ele tenha preferido ficar no quarto ao lado lendo as cartas noutros tempos trocadas entre o pai e a mãe

Ocultismo e misticismo de certa forma estão presentes nas experiências relacionadas com o que ele chamou de “epifania”. Ao mesmo tempo era um fã da ciência. Seu irmão Stanislaw revelou que o termo “científico” costumava ser um elogio em sua boca. Relativizada essa questão do misticismo, de que se trata em Joyce de uma mística da linguagem, como explica H. Broch, não se desconhece, contudo, que ele acreditava nos pensamentos telepáticos de sua filha Lucia. Entretanto, se haviam palavras impostas, ali onde ela delirava, ele gozava escrevendo F.W. , que deveria ser lido em voz alta.

Sem véus, Joyce não tinha medo de ser quem era e de se mostrar – isto tem a ver com suas concepções de estética ¹⁰ - como nesta passagem escrita à sua Nora: “Como poderia eu gostar da idéia de um lar? Meu lar foi simplesmente um caso de classe média arruinada por hábitos perdulários os quais, aliás, herdei”, conforme Richard Ellmann.

A despeito da frase cunhada por ele “quando uma alma nasce neste país lançam redes sobre ela para impedi-la de alçar vôo”, ele alçou o seu. “Você me fala de nacionalidade, de língua e de religião. Tentarei escapar dessas redes”, dissera certa vez.

Defensor do realismo contra o idealismo e o romantismo, pensava que o que faz o homem infeliz é um romantismo frustrado, um ideal irrealizável ou mal concebido. Como declarou ao amigo Arthur Power “o idealismo é a ruína do homem”.

E também afirmou, num jeito muito próprio de demonstrar sua crença da vida: “Uma vez que você está morto, está morto”. Resta-nos lembrar que estão bem vivos os

¹⁰ Abordei no meu texto James Joyce: exílio, carência, estética e mística, já citado acima.

James Joyce: *O making of* de um texto.

seus personagens – basta olharmos em volta para encontrarmos ordinariamente esses heróis. Em sua genial universalidade, para além da função tempo-espço, ele construiu heróis que de homéricos não têm os grandes feitos, mas, como naqueles, também nesses sobram poesia. A poesia musical da prosa de ninguém menos que o “escricantor” de Chamber Music a *Finnegans Wake*, passando pelas “Joycereias” de Ulisses.¹¹

BIBLIOGRAFIA

AUBERT, Jacques. Introdução ao Ulisses de James Joyce. *Letra Freudiana*, A Jornada de Ulisses, Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, 2001, ano XX, nº 28.

BUDGEN, Frank [1972]. *O making of* de Ulisses. *Letra Freudiana*. A Jornada de Ulisses, Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, 2001, ano XX, nº 28.

BROCH, Hermann. A atualidade de James Joyce. In: NESTROVSKY, Arthur (org.) *Riverrun: ensaios sobre James Joyce*. - Rio de Janeiro: Imago, 1992.

COSTA, Ana e RINALDI, Doris (org.). *Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro. Cia de Freud, 2007.

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. São Paulo: Globo, 1989.

JOYCE, James. [1922] *Ulisses*. Trad. de Antonio Houaiss, 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LABERG, Jacques (org.) *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Recife. CEPE, 2007.

¹¹ Ver a propósito CWJOYCEREIASFW, de Jacques Laberge, em *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Op. cit., p.235.

James Joyce: *O making of* de um texto.

LACAN, Jacques. [1975-1976] *Le Sinthome/O Sinthoma/O Santhomem*. Edição bilíngüe. Recife: Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, 2001. Circulação Interna.

POWER, Arthur e SOUPAULT, Philippe. Com Joyce em Paris: Conversas e Lembranças. *Letra Freudiana*. A Jornada de Ulisses. Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, 2001, ano XX, nº 28.